

Experiências reinventivas das mulheres para manutenção da música de mbira em Moçambique: uma contribuição da Delta Cumbane

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: Música e pensamento Afrodiaspórico

Micas Orlando Silambo
Universidade Federal da Paraíba - UFPB
yanikmicas@gmail.com

Resumo. As barreiras culturais e ideológicas têm mascarado a participação das mulheres na música de mbira no continente africano. Mesmo com estes obstáculos, elas têm exercido um papel fundamental na vida dessa música. Este texto reflete sobre as experiências da moçambicana Delta Cumbane com vista descrever a contribuição das mulheres para a reinvenção e manutenção da música de mbira em Moçambique. A metodologia da pesquisa inclui uma observação participante, entrevista semiestruturada, registro fotográfico e pesquisa bibliográfica principalmente da Etnomusicologia. Os resultados evidenciam que a Delta adota formas peculiares das tradições orais para a manutenção da prática musical: i) desenvolvimento da capacidade de performance tocando com pares do coletivo; ii) observação e imitação dos mestres para a automação técnica dos movimentos dos dedos e da voz; iii) escuta atenciosa para uma posterior repetição das estruturas tocadas pelos mestres; iv) experimentos de erros e acertos para treinar, paciente e autodidaticamente, as habilidades musicais; v) valorização da inspiração e do ouvido no ato da composição; e vi) produção e reverberação de materiais musicais que contribuem em saraus culturais, festas, festivais, etc. influenciando o mercado musical e cultural moçambicano. A análise das experiências da Delta Cumbane permitiu o entendimento do seu passado cujas experiências atijam a revigoração e empoderamento sociocultural da música de mbira e das mulheres. A partir desta constatação, as mulheres devem continuar fazer e pesquisar a música da mbira de modo a trazer mais experiências que possam aliviar cada vez mais as restrições sociais de gênero e a depreciação da sua sexualidade.

Palavras-chave. Música de mbira, Experiências reinventivas das mulheres, Contribuição da Delta Cumbane, Moçambique.

Title. **Women's reinventing experiences to maintain mbira music in Mozambique: a contribution from Delta Cumbane**

Abstract. Cultural and ideological barriers have masked women's participation in mbira music on the African continent. Even though, women have played a fundamental role in the dynamic of its performance. This paper reflects on the experiences of the Mozambican Delta Cumbane in order to describe the contribution of women to the reinvention and maintenance of mbira music in Mozambique. The research methodology includes participant observation, unstructured interviews, photographic records and bibliographical research, mainly on field of Ethnomusicology. The results highlighted that Delta adopts peculiar processes of oral traditions to maintain musical practice such as: i) development of performance capacity playing with mates from the collective; ii) observation and imitation of the *experts* (tradition bearers) for the technical automation of fingers and voice; iii) attentive listening, and a subsequent repetition of the structures

played by the *experts*; iv) trial and error to develop musical skills, patiently by self-taught; v) reverence of inspiration and hearing in the process of composition; and vi) composition and reverberation of tunes that contribute in cultural soirées, social events, festivals, etc. influencing the Mozambican music and cultural industry. The analysis of Delta Cumbane's experiences allowed the understanding of her past whose experiences strengthen the reinvigoration and sociocultural empowerment of mbira music and women. Based on this observation, women must continue making and researching mbira music in order to bring more experiences that can increasingly alleviate the social restrictions of gender and the depreciation of their sexuality.

Keywords. Mbira Music, Women's Reinventing Experiences, Delta Cumbane's Role, Mozambique.

Introdução

Figura 1: Mbira nyunganyunga.



Fonte: Silambo (2022b).

O estudo sobre mulheres que tornam viva a música de mbira¹ (figura 1) no continente africano tem sido uma tarefa, predominante, na Etnomusicologia, principalmente, desde o início do século XXI. O etnomusicólogo estadunidense Thomas Turino (2000) no livro **Nationalists, cosmopolitans, and popular music in Zimbabwe** publicado pela Universidade de Chicago Press ao discutir sobre os vários gêneros musicais urbanos populares, em particular a música jít e mbira-guitarra (exclusivos do Zimbabwe) trouxe experiências, não apenas, de homens zimbabuanos, mas também da zimbabuana Stella Chiweshe.

Na dissertação **The relationship between mbira dzaVadzimu modes and Zezuru ancestral spirit possession** publicada pela Universidade de KwaZulu Natal (África de Sul) em 2009, o zimbabuano Perminus Matuire pesquisou experiências de homens, mas também

¹ Instrumento musical africano.

uma mulher de Zimbabwe, a Cecilia Nyahwedekwe. Esta dissertação aponta que a Cecilia não entra em contato físico “direto” com a mbira durante a performance, mas realiza ritos que evocam os espíritos na cerimônia.

Existem estudos que se concentram apenas nas experiências de mulheres. Um dos exemplos é o artigo **Shona women ‘mbira’ players: gender, tradition and nation in Zimbabwe** publicada no Fórum da Etnomusicologia (UK) em 2008 pela etnomusicóloga estadunidense Claire Jones. O artigo reflete sobre as carreiras e experiências de cinco mulheres tocadoras de mbira, cada uma liderando sua própria banda, nomeadamente as zimbabuanas Beauler Dyoko, Stella Chiweshe, Irene Chigamba, Benita Tarupiwa e Chiwoniso Maraire.

A partir das experiências das cinco mulheres a autora apresenta as principais barreiras que inibiam a participação ativa das mulheres na música de mbira: i) A atribuição oficial de um *status* elevado aos homens do que as mulheres na sociedade Shona pré-colonial; ii) O interesse dos maridos e pais patriarcas indígenas em manter suas esposas e filhas em casa para cuidar das plantações e reivindicar terras; iii) A proibição de mulheres menstruadas a comparecer em cerimônias de possessão espiritual por acreditar-se que o sangue (cor vermelha) seja perigoso para a exposição espiritual em alguns grupos dos vaShona (Korekore); iv) A marginalização e desvalorização de atividades das mulheres por interpretações de gênero de papéis e práticas tradicionais que advogam não fazer parte da cultura (Shona) “mulheres tocar música”; v) A colocação de mulheres para cantar, dançar e tocar Hosho (chocalho) e Ngoma (tambor) nas cerimônias, reservando a mbira geralmente para os homens; vi) A ideia de que as mulheres que tocam mbira eram carentes de uma feminilidade e comportamento apropriado, não podendo cozinhar adequadamente, por exemplo; e vii) A expectativa dos gerentes dos espaços de performance de que as mulheres durmam com eles para conseguir *shows*.

Embora estas barreiras tenham afetado a plena autoestima das mulheres na performance, os depoimentos e intervenções das cinco mulheres em Jones ilustraram mudanças, ainda que parciais, e, sobretudo, demonstraram o protagonismo das mulheres na música de mbira, principalmente, em Zimbabwe, mas não só. No X Encontro Nacional da Associação Brasileira de Etnomusicologia (ENABET) foi demonstrado que a moçambicana Mestra Beauty Alves Siteo exerce um forte protagonismo para a valorização das mulheres e da mbira, rompendo as barreiras históricas estabelecidas pelo gênero (SILAMBO, 2021).

Para ampliar este debate no contexto moçambicano, neste texto reflito sobre as experiências da moçambicana Delta Cumbane com vista descrever a contribuição das mulheres para a reinvenção e manutenção da música de mbira em Moçambique.

Para coletar as informações, conduzi uma entrevista semiestruturada dirigida a Delta Cumbane em 2021. Junto da Cumbane e outras pessoas participamos no Sarau Cultural Nyunga Nyunga, na quinta e sexta edições da Festa de Mbira realizadas, respectivamente, na Associação dos Escritores, no Museu da Mafalala e na Associação dos Músicos Moçambicanos (Maputo, Moçambique) onde coletei suas outras experiências por meio da observação participante. Ao longo da pesquisa captei fotografias para elucidar certos depoimentos descritos no texto. Para além desses procedimentos metodológicos, a pesquisa bibliográfica – do campo da Etnomusicologia – forneceu-me materiais para entendimento do cenário das pessoas já pesquisadas no contexto da música da mbira.

Defendo que a descrição das experiências de mulheres pode elucidar o seu protagonismo na música de mbira, reduzindo as restrições sociais de gênero e a depreciação da sua sexualidade que persistem e refletem-se no mercado e pesquisa musical. Vejamos.

Experiências reinventivas da Delta Cumbane para manutenção da música de mbira em Moçambique

O protagonismo das mulheres e da nova geração para manutenção da música de mbira pode ser testemunhado com as experiências da Delta Acácio Cumbane (figura 2). Ela reside na província de Inhambane², terra que lhe viu nascer no dia onze de Junho de 1995.

Figura 2: Mestra Delta Acácio Cumbane.

² Sul de Moçambique.



Fonte: Silambo (2022c).

Os pais da Delta, Acácio Alexandre Cumbane e Suzana Francisco Cumbane, para além dela, possuem oito filhos: o Benito, a Richa, a Nilda, a Benta, a Brigitte o Chandinho, a Nilza e o Sérgio. É nesse cenário familiar que nasceu o bichinho da música, mas ele teve que percorrer uma distância para se concretizar. Delta relata que

eu já tinha esses ticks desde bebé. [...] eu vivia num distrito [Panda] em Inhambane, bem distante da cidade. Então, fui à cidade de Inhambane para fazer a oitava classe³, porque na altura lá [no distrito] não tinha a oitava classe. [...] Foi lá [na cidade] onde vi que havia possibilidade de tornar isso real, pois eu tinha como praticar, tinha como mostrar isso para o público, então tudo começou aí (CUMBANE, 2021).

³ O sistema educativo nacional de Moçambique, dessa época, estava organizado em 3 níveis essenciais: “[...] Ensino Primário da (1ª à 7ª classe); O Ensino Secundário geral ou técnico profissional da (8ª a 12ª classe) e o Ensino Superior inclui Universidades e Institutos Superiores públicos e privados” (MOÇAMBIQUE, [20--?]).

O espírito musical pouco a pouco cresceu, estabelecendo oportunidade para que a Delta pudesse interagir com outras pessoas nacionais como a Beauty Siteo, a Sister África, a Lucrécia Paco, a Sizaquel entre outras pessoas. A Delta lembra que “o meu primeiro [...] *show* foi na Associação dos Escritores [Moçambicanos], então, [...] sempre que me falarem de *show* de mbira, acho que só vou ver a Associação dos Escritores ou Museu da Mafalala”, onde ela participou do Sarau Cultural Nyunga Nyunga e da quinta edição da Festa de Mbira, respectivamente. Também, foi uma das artistas que aqueceu o palco da 6ª edição da Festa da Mbira na Associação dos Músicos Moçambicanos em 2022 onde interagiu com outros artistas.

As interações que ocorrem nesses locais são ricas em oportunidade de aprendizagem, “[...] então, eu, por acaso, gosto de estar com os outros artistas, porque me transmitem uma experiência diferente, sempre aprendo algo com eles. Agora mesmo na Festa de Mbira, aprendi muita coisa e é sempre bom estar com colegas” (CUMBANE, 2021). Nessa ótica, “é gratificante para mim, porque ainda sou muito bebê na família mbira, [...] e estar com pessoas grandes a aprender de perto é super gratificante, pois me facilita compor e fazer algo diferente [...]”, diz Cumbane (2021).

Essa oportunidade de estar com pessoas e em locais diferentes, vem estingando uma abertura da Delta na seleção de gêneros musicais da sua performance. Nessa visão, “nós tocamos muito nos casamentos, então a maioria das vezes tocamos o que o público pede. Eu gosto mais da música tradicional mesmo, mas faço tudo (marrabenta, afro jazz, rock etc.) para agradar o povo” (CUMBANE, 2021). A relação da mestra com a, então, dita música tradicional “[...] é algo que já sinto mesmo desde bebê, desde criança. Eu recordo que já escutava a música da Chiwoniso Maraire ainda mesmo desde bebê, nem eu sabia explicar. [...] Esta música me chamou, [...] a música me escolheu”, diz Cumbane (2019).

A opção de se envolver com a música tradicional pode ter influenciado a Delta na escolha da mbira como seu principal instrumento musical, afinal a renomada cantora e compositora zimbabuana Chiwoniso era uma exímia tocadora da mbira, a rainha da mbira. Em suas palavras narra que

eu tentei tocar piano, mas não me cativou tanto assim. Eu sempre quis mbira, mas em Inhambane não tinha ninguém que tocava mbira, logo não tinha ninguém para me ensinar mbira, então tentei piano, tentei guitarra. O meu coração quis mbira, então, graças a deus apareceu o NBC em Inhambane e logo ataquei (CUMBANE, 2021).

O aprimoramento rápido das habilidades partilhadas pelo mestre NBC Gas Butano fez com que a mestra se integrasse, também, em performances da música de mbira que ocorrem na Cidade de Maputo. Assim, a Delta acrescenta que “aqui em Maputo, eu acabo de entrar na onda da mbira, então as pessoas que eu já acompanhei ou já vi, primeiro é o NBC, Beauty Siteo, Cheny wa Gune e depois conheci há pouco tempo o May Mbira, foi super espetacular”.

A partir das experiências compartilhadas entre pares em práticas coletivas, a Delta procura arranjar suas obras de marrabenta já compostas para a mbira nyunganyunga, buscando outras sonoridades para este gênero musical urbano moçambicano. A marrabenta vale como um importante documento histórico de Moçambique equiparado ao fado português, samba brasileiro, tango argentino, valsa austríaca, rumba cubana e jazz americano (SILAMBO, 2022a, p. 9).

Sobre a exploração deste gênero, Cumbane (2021) conta que “fui procurando, procurando as notas, usando o ouvido até que consegui encaixar a mbira numa das composições minha da marrabenta, então tenho a marrabenta e o tradicional”. Para a aplicação deste procedimento composicional, “os jovens têm que confiar muito em sua capacidade de imitação, em seus próprios olhos, ouvidos e memória, e adquirir sua própria técnica de aprendizado”⁴ (NKETIA, 1974, p. 60).

Enfim, a Delta é, como ela mesma referiu, nova na prática de música da mbira, porém ela tem transmitido os seus saberes sobre a mbira para outras pessoas mais próximas, e “é, praticamente, copy past. NBC me ensinou. Eu levei e passei em diante” remata Cumbane (2021). Ela percebe que “sempre que eu dou algum exercício, uma aula, eu acabo aprendendo, às vezes, mais do que a pessoa que eu dei. Acabo fortificando o meu conhecimento”.

E em todo esse processo, a Delta tem em mente que homens, mulheres e crianças podem tocar a mbira, “porque eu acho que não há limite para o conhecimento, não há limite para a aprendizagem”. E é preciso considerar que, “a música no geral é uma terapia forte. Naquilo que eu sinto, o som da mbira [...] transmite-me uma paz, uma tranquilidade, enfim é vida praticamente, resumindo é África [para todos e todas]”, diz Cumbane (2021).

⁴ “The young have to rely largely on their imitative ability, and their own eyes, ears, and memory, and acquire their own technique of learning” (NKETIA, 1974, p. 60).

Talvez seja oportuno perguntar. Como essas pessoas que transmitem paz e tranquilidade são vistas na sociedade? Contrariamente ao que muito se diz no senso comum sobre o que provém da África, “eu acho que [...] há muito respeito por tocadores de mbira se calhar por ser um instrumento tradicional, por ser um instrumento ‘diferente’, [...] eu mesma desde que comecei a tocar mbira sou tratada de um jeito diferente, melhor (CUMBANE, 2021).

Embora a Delta considere a mbira um instrumento ‘diferente’, ela tem a tocada junto de percussão, baixo elétrico, guitarra, bateria, saxofone entre outros, demonstrando que ela pode ocupar o mesmo lugar relativo a outros instrumentos musicais.

Em síntese, a Delta Cumbane tem um forte protagonismo na música de mbira, principalmente, na sua execução e transmissão. O que fazer com todo esse conhecimento no futuro? “Praticamente, são poucas pessoas, eu diria até que, se calhar, sou a única agora em Inhambane, então eu gostaria de levar a mbira para Inhambane” conclui Delta Acácio Cumbane.

Considerações finais

Este texto visou refletir sobre as vivências da moçambicana Delta Cumbane com vista descrever as experiências enfrentadas por mulheres para a reinvenção e manutenção da música de mbira em Moçambique. Os principais procedimentos de obtenção dos dados foram entrevista semiestruturada, a observação participante, o registro de fotografia e a pesquisa bibliográfica do campo da Etnomusicologia.

A partir dos depoimentos apresentadas compreendo que a Delta Cumbane desempenha um forte protagonismo na música de mbira em Moçambique, revigorando um instrumento musical africano outrora demonizado para as mulheres no continente africano. Ela é *performer* e dinamizadora da música de mbira com competência na defesa da causa das mulheres e da cultura africana. Ela tem participado, ativamente, em saraus culturais, na Festa da Mbira, no Festival Raiz e em diferentes locais de lazer cotidiano.

Com as suas experiências detectam-se formas de manutenção da prática musical típicas das tradições orais: i) desenvolvimento da capacidade de performance tocando com pares do coletivo; ii) observação e imitação do mestre para a automação técnica dos movimentos dos dedos e voz; iii) escuta atenciosa para uma posterior repetição das estruturas tocadas pelo mestre; iv) experimentos de erros e acertos para treinar, paciente e

autodidaticamente, as habilidades musicais; v) valorização da inspiração e do ouvido no ato da composição; e vi) produção de materiais musicais que contribuem em saraus culturais, festas e festivais.

Com essas formas de se reinventar a Delta Cumbane, tal como outras mulheres, resiste e insiste por uma nova condição da mulher, independente e sem limites na performance da música de mbira. Isto demonstra para o mercado cultural e musical que a música de mbira é uma prática para todos e todas.

O desafio, como já dito em outros textos, é trazer mais mulheres que praticam a mbira, propondo que mais pesquisadores – principalmente pesquisadoras – desenvolvam este tipo de estudo para ilustrar mais experiências e enfrentamentos das mulheres. Este me parece ser o caminho a trilhar para aliviar as restrições sociais de gênero e a depreciação da sexualidade das mulheres que persistem e refletem-se abertamente no mercado e pesquisa da música de mbira (SILAMBO, 2022). Continuarei desenvolvendo essas reflexões de forma a ampliar as constatações parciais deste texto, parte do trabalho que está sendo desenvolvido em uma instituição superior, com o intuito de trazer vozes africanas no estudo de música e afins.

Referências

BERLINER, Paul. *The soul of mbira: music and traditions of the Shona people of Zimbabwe*. Berkeley: University of California Press, 1978.

CUMBANE, Delta Acácio. *Entrevista concedida a Micas Orlando Silambo*. Maputo-Moçambique. 08 de Dezembro de 2021. Gravação em Celular e Câmera Zoom Q4.

JONES, Claire. Shona Women ‘mbira’ Players: Gender, Tradition and Nation in Zimbabwe. *Ethnomusicology Forum*, UK, v. 17, n. 1, p. 125-149, 2008.

MATIURE, Perminus. *The relationship between mbira dzavadzimu modes and zezuru ancestral spirit possession*. Dissertação (Mestrado em Artes) – The Faculty of the Humanities, Development and Social Sciences, Universidade de KwaZulu-Natal, África do Sul, 2009.

NKETIA, Joseph Hanson Kwabena. *The Music of Africa*. London: Victor Gollancz. 1979.

MOÇAMBIQUE. [20--?]. Disponível em: <<https://cooplusofonoseducacao.wordpress.com/paises/mocambique/>>. Acesso em: 25 jun. 2018. Lusofonias em Educação: blog do Programa de Cooperação Sul-Sul pelo direito à Educação entre países lusófonos.

TURINO, Thomas. *Nationalists, cosmopolitans, and popular music in Zimbabwe*. Chicago: University of Chicago Press. 2000.

SILAMBO, Micas Orlando. *Nyoxanini de Fany Mpfumo*: meditação sobre um estilo musical moçambicano. *Revista Científica da UEM*. 2022.

_____. *Experiências da prática de mbira em Moçambique*: uma vivência do mestre Maneto Calmo Tefula. In. *XXXII COGRESSO DA ANPPOM*. Natal, 17 a 21 de Outubro de 2022a.

_____. *Mbira nyunganyunga*. Maputo, 2022b. 1 fotografia, color.

_____. *Mestra Delta Acácio Cumbane*. Maputo, 2022c. 1 fotografia, color.